

## Paisagens soltas

JOSÉ MIGUEL BRAGA

### Goya

As palavras de Goya persistem tão negras e profundas como os seus desenhos, “O sono da razão gera monstros”. O grande pintor e o mestre de desenho unem-se para mostrar a noite, a fabulosa noite do homem, com os seus crimes e desvios, um céu de chumbo. A razão perdia-se na sua Espanha de caminhos ermos e cidades cercadas. Os monstros chegavam à página através da noite e era possível vê-los de uma janela escondida, aparecidos como um sarcasmo imbecil das coisas horríveis. Há-de haver uma razão além da razão, uma porta aberta ou íntimo conhecimento que se revela por meio de visões submersas. É verdade que só parece existir o que é perceptível na consciência e que, nessa medida, se inscreve nela e lhe pertence. Mas o sono da razão só por aproximação ou por súbita iluminação gera essa dimensão oblíqua e extasiada perante os signos e a possibilidade da decifração. Chegamos à parte mais cómica de um jogo cujas regras são imprevisíveis. Há, no entanto, uma hora ou talvez o lugar, poderá até ser um resíduo da razão, em que a noite se povoa realmente de disposições perversas. Quando nos pomos a olhar fixamente o rosto de quem passa, vemos estranhas figuras de animais... sapos, águias, felinos, cobras, palmípedes, toda a ordem e toda a singularidade transmissora de receios conhecidos na história. As danças são marchas quando apodrecem, mas a imaginação é tocada por sintomas e receios que se organizam em novelos e linhas de fuga, passagens velocíssimas, com a aparência de estridências póstumas. Os males de Goya aparecem por todo o lado, sobretudo quando há um pouco mais de cansaço e a concentração humana favorece o seu desenho. Mas há efectivamente monstruosidades invulgarmente cómicas, transformações bestiais ridiculamente alegres.

“A Ilha dos Mortos” é invisível aos olhos. Só o barco vai com a solenidade de um Auto, habitar para sempre a solenidade do mármore frio e a atmosfera rasa de um estio adormecido. A verdade é que ainda não sabemos exactamente por onde se entra para esse mundo inevitável. No fim do quadro de Arnold Böcklin há previsivelmente um lugar na ilha para absorver a figura de branco, mas ninguém sabe onde fica.

## Hamlet

Viver a personagem de Hamlet é uma forma quase certa de morrer ou então de ter sorte e passar incólume sobre os precipícios e desafios que se colocam ao homem sensível. Antes de mais, Hamlet tem um duplo sentido de visão e daí pode vir uma parte da sua sensibilidade trágica. As visões de Hamlet são já um princípio de acção porque tocam no ponto em que todas as coisas se reúnem para dividir o destino. Hamlet é o próprio teatro e com ele a noite com que os fantasmas se manifestam como efeitos da luz. Há em todo o acto de representação pura um segundo grau de evidência que normalmente escapa à luz do dia. Hamlet teve a sorte da iluminação e pôde conceber um plano. A sua loucura é tão séria que parece fingida e as alterações de humor correspondem a movimentos e jogos de oposição que integram a técnica do actor.

Hamlet ensinou-me a ver e a representar e ensinou-me também que há uma seriedade no teatro que não pode ser aviltada. Nesse ponto que só Hamlet conhece, o teatro é sagrado e quem ousar tocar-lhe sofrerá a ira dos deuses. A revolta dos deuses é a única que não é cega e por isso eles vencem os pobres humanos que jogam as sortes e ofendem o alto, julgando assim transformar o pão em ouro. O actor é Hamlet atravessando a complexa teia do castelo, vencendo amores, interesses e desacatos. Hamlet teve a sorte e depois o dom; foi tocado pelo fogo divino que entrega o poder da adivinhação e o poderoso mistério da sensibilidade. Todas as forças se movem no seu reinado fatal, nele se organizam as provas e nele se resume a estratégia e o governo. Hamlet é a política regressando ao seu processo e ao seu limiar. Enquanto pude acompanhá-lo fui estranhamente feliz. Tive a sorte de ver nascer a sua violência quase inocente e de com ela atravessar a noite. Quando a morte me apareceu não tive qualquer espécie de hesitação nem senti algum temor que me impedisse de continuar. Não poderia deitar-me sem falar do seu acaso, o mais silencioso de todos. A solidão de Hamlet foi ainda a mais silenciosa de todas quantas a História inventou. A intensidade e a luz com que sabemos as coisas são uma forma única de estarmos vivos.

## Marginais

Há escritores marginais cuja “infâmia” não lhes permitiu viver com algum conforto, de modo a suportarem com ânimo suficiente a inevitável desordem. Outros nasceram para o declínio, vítimas da doença, como se fossem um produto estragado de Deus. Há ainda os infelizes e os que enlouqueceram pouco depois da escrita e se entregaram a uma espécie de vagabundagem sem nome e sem projecto. A marginalidade em literatura é mais corrente e praticada do que às vezes se pensa. Poucos são os que têm meios e fortuna para viverem sós com a sua escrita, sem necessidade de dividirem o mundo ao meio. Alguns fizeram da vida, do trabalho e da insónia um só fenómeno de papel, mas a maior parte não pode fazer assim. Neste tempo, o escritor marginal e sem fortuna está condenado. As indústrias da cultura escorraçam os artistas ou eles se quiserem que se transformem em actores de salão ou produtos atraentes, capazes de sensibilizar o público para o desconcertante jogo do compra e vende. O mercado da arte é uma refrega de gosto cínico. Mas há escritores marginais; alguns são-no por vaidade e outros por preguiça. Em um ou outro caso, o arrivismo faz a lei ou então a superficialidade do projecto artístico não pode sustentar mais do que uma perdição em volta de si mesma. A marginalidade só por si não contém uma vantagem literária nem tão pouco constitui um defeito, mas convenhamos que o artista é necessariamente um libertador da criação e nessa medida não lhe é suportável a sujeição a outros valores que não sejam os da própria arte. Todos conhecemos no entanto inúmeros casos de artistas capazes das maiores vilezas e traições ao que vulgarmente consideramos ser o “bem comum”. E também concordamos que “a arte não se faz com bons sentimentos”. Uma coisa é certa. O artista só o é no acto de criação. Depois passamos à fronteira do género, às disciplinas em volta, às andanças da produção e aos rituais do espectáculo e do mercado. De qualquer modo, não conheço verdadeira literatura que não grite como um corpo que se despe para encontrar sozinho a noite imensa e insuportável. É preciso ser desesperadamente livre e marginal.